

A leitura que fazemos do pronunciamento do governo em 15 de março, é que o governo fez um discurso vazio, cheio da mesma política operada até então, onde reafirmava a política de conciliação na manifestação de Miguel Rosseto, representando o campo mais a esquerda do PT, que não conseguiu apresentar nenhuma política afirmativa com os movimentos sociais e de esquerda, descaracterizar e anunciar o fim das ações de transferência da crise para os trabalhadores, ou na manifestação de José Eduardo Cardozo, que apresentou a visão do governo de legalidade e governabilidade por conciliação. Ambos falaram de mudanças, democracia e corrupção, demarcando a continuidade do endurecimento por meio da reforma fiscal, das políticas cambial, monetária e de juros, das políticas de "austeridade" e dos cortes, deixando clara a continuidade das privatizações e cumprimento dos compromissos de pagamento da dívida pública com banqueiros. Ambos deram ênfase forte na reforma política, focada no processo eleitoral, como sendo a questão central e responsável pelos problemas do Brasil. O que marcou: nenhum diálogo com a pauta dos movimentos sociais e das organizações de esquerda do país.

Para debater o que está se apresentando além das aparentes relações políticas internas no Brasil, o momento exige por sua complexidade, para uma avaliação mais robusta, varias leituras e percepções e isto me parece que toda a esquerda está buscando, sem eliminar qualquer visão. Mas para ampliar a análise com esta intenção, acredito que devemos começar considerando a conjuntura de enfrentamentos e movimentos proporcionados pela direita na América Latina, com caráter muito próximo ao do Brasil, como na Venezuela por exemplo. Na Venezuela Bolivariana, a população apoia o governo e a direita tem que criar fatos políticos, como a retirada de produtos de consumo das prateleiras ou criar conflitos; mas no Brasil isto não foi necessário, porque o governo criou as medidas antipopulares e distantes das demandas dos movimentos sociais que afastaram a população do governo. Mas a direita é a mesma.

O momento no Brasil pode ser até comparável a outros eventos que vivemos no passado, mas muito distante quanto às múltiplas influências e forças manifestamente atuantes no Brasil hoje. Portanto não dá para falar das movimentações da direita, liberais, nacionalistas, militares (que estão na casa mata), socialdemocratas, fascistas, entre outros conservadores no Brasil, sem verificarmos o arranjo da esquerda e seu posicionamento. E nos resta então identificar: quem é e como se situa a esquerda do Brasil?

Para tanto, é necessário adicionar à análise outros atores que são importantes para esta construção: onde estão os movimentos populares e sociais de massa, não os de estrutura e superestrutura? Onde está o apoio de Dilma nas classes sociais e como se manifesta? Qual a estratégia do PT para o momento, considerando que há a clara intenção de antecipar a campanha de reeleição para Lula e não deixar o poder?

Mas não devemos ignorar, portanto também é necessário admitir, outros elementos fortes da conjuntura internacional que alimentam e terminam por influenciar este cenário, como a possível intervenção na América Latina da CIA, USAID, entre outras agências capitalistas, divulgada em Jornais em outros países, interagindo nesta conjuntura.

Há, no entanto, quem discorde desta linha de abordagem e a identifique como sendo defasada; mas as entendo como determinantes para intuir o que vivemos hoje no país, e é neste momento que destaco que a conjuntura internacional de hoje repercute diretamente em todo o continente latino americano e no Brasil, como por exemplo:

- Argentina, Equador, Bolívia, Venezuela e Uruguai interferem na conjuntura brasileira em função de suas políticas internas e externas, relações internacionais, econômicas e militares, que resulta em comércio e acordos;
- A reocupação de espaços e a reconstrução de laços da Rússia com os países anteriormente alinhados à antiga União Soviética e na América Latina com projetos em Cuba, Venezuela,... fazem parte do cenário da crise brasileira, que admite relações comerciais e acordos de cooperação;
- Além das relações comerciais com o Brasil, a expansão dos negócios e investimentos da China no mundo e nos países da América Latina, principalmente com a criação de sua moeda própria de negócio, com particularidades importantes na relação com a Venezuela, fazem parte da conjuntura brasileira quando estão integrantes nos acordos políticos e comerciais;

- O Bloco de Esquerda em Portugal, Podemos na Espanha, a Alemanha se deslocando de eixo e a Grécia na Europa foram a “pá de cal” na unidade da União Europeia e alteraram as influências políticas e de Mercado no mundo e na América Latina, impondo alteração nas relações externas com os países consumidores de tecnologia, como o Brasil, influenciando interesses econômicos locais;

- A consolidação do BRICS e a criação do Banco dos BRICS, com a possibilidade de uma nova polarização econômica, trás ao cenário brasileiro um estabelecimento de prioridades governamentais diferenciado, que repercute nas “parcerias” até então existentes;

- a nefasta política derrotada dos capitalistas para o Médio Oriente, a Ocupação dos Territórios Palestinos, o não atendimento pleno aos intentos expansionistas de Israel e dos sionistas no Brasil, em sua política de venda tecnologias e armamentos para o país, fazem parte da nossa conjuntura local;

- o posicionamento bélico dos americanos do norte em relação a Cuba e Venezuela faz parte da conjuntura brasileira, pelas relações políticas dos países da América Latina com estes dois Estados e pelas relações econômicas.

Temos de compreender que estes são elementos de interesses dos capitalistas e definidores de política e economia e que não podemos desconsiderar na reflexão enquanto elementos da conjuntura brasileira, que mobiliza os capitalistas, conservadores e reacionários e coloca em cheque a governabilidade com a direita que o PT tenta articular para dentro e para fora do Brasil.

Neste cenário a esquerda brasileira, em um reduzido agrupamento de posicionamentos, dividi-se em:

- os que defendem a derrubada do governo de Dilma;

- os que apoiam incondicionalmente a política, estrutura e superestrutura do governo;

- os que defendem a manutenção do mandato de Dilma com críticas às políticas antipopulares, ao distanciamento da esquerda e ao favorecimento dos donos dos meios de produção e banqueiros.

Defendemos o último posicionamento, de garantir o mandato do governo de Dilma com críticas, em uma estratégia de unidade da esquerda brasileira para a construção de uma Frente de Esquerda que sustente as mudanças necessárias no governo, que lute pelos interesses da classe trabalhadora e que garanta a autodeterminação do país.

Dois desafios se colocam para esta Frente: atender a uma pauta imediata de garantia de direitos e conquistas dos trabalhadores, Pauta Reativa, e uma pauta de aprofundamento do poder popular e democracia para o governo Dilma, Pauta Afirmativa.

#### **Pauta Reativa:**

Contra as políticas de ajuste fiscal e de juros

Fim de medidas de austeridade

Cessem os processos de privatizações com políticas de investimentos em infraestrutura, saúde, educação, previdência, habitação e empresas públicas, garantindo o atendimento das necessidades básicas pelo controle e responsabilidade de Estado

Contra a precarização das Relações de Trabalho e terceirização

Pelo fim da criminalização dos movimentos sociais e das discriminações

Criminalizar a corrupção de Estado e empresas, com penas julgadas em jures populares

#### **Pauta afirmativa:**

Implementação de Reformas Agrária e Urbana

Demarcação das terras indígenas e Quilombos

Auditoria da Dívida Pública

Estado Laico

Reforma Política na visão dos trabalhadores

Mudança nas Políticas Fiscal, Cambial e Monetária, com implantação de Tributação Progressiva

Controle da economia pelo Estado

